

# CAMPO SEMÂNTICO PARA O CONCEITO DE CULTURA NA COMUNICAÇÃO

SEMANTIC FIELD FOR THE CONCEPT OF CULTURE IN COMMUNICATION

CAMPO SEMÁNTICO PARA EL CONCEPTO DE CULTURA EN LA COMUNICACIÓN

**Anna Karolyne Souza Miranda**

■ Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Métodos e Técnicas de Investigação Social pelo Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais (CLACSO). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1204-7837>.

■ *Máster en Comunicación y Sociedad por la Universidad Federal de Tocantins (UFT). Especialista en Métodos y Técnicas de Investigación Social por el Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1204-7837>.*

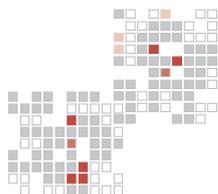
■ E-mail: [annaksmiranda@gmail.com](mailto:annaksmiranda@gmail.com)

**Ingrid Pereira de Assis**

■ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) e do curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com doutorado sanduíche pela Universidade de Aveiro, mestre em Ciências Sociais e bacharel em Comunicação Social - Hab. Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1568-0788>.

■ *Profesora del Programa de Posgrado en Comunicación y Sociedad (PPGCOM) y del curso de Periodismo de la Universidad Federal de Tocantins (UFT). Doctora en Periodismo por la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), con doctorado en alternancia por la Universidad de Aveiro, máster en Ciencias Sociales y licenciada en Comunicación Social - Periodismo por la Universidad Federal de Maranhão (UFMA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1568-0788>.*

■ E-mail: [ingrid.assis@mail.uft.edu.br](mailto:ingrid.assis@mail.uft.edu.br)



## RESUMO

Comunicação e cultura se entrelaçam nas produções científicas da área. Partindo da complexidade desta tessitura na consolidação do campo da comunicação, este artigo apresenta uma contextualização histórica sobre o desenvolvimento da ideia de cultura, e sua passagem ao conceito científico. Destaca a centralidade que o conceito passa a ocupar, em meados do séc. XX, e seu papel na área da comunicação, a partir das principais correntes teóricas utilizadas no âmbito acadêmico-científico brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** CULTURA. COMUNICAÇÃO. EPISTEMOLOGIA. CONCEITO.

## ABSTRACT

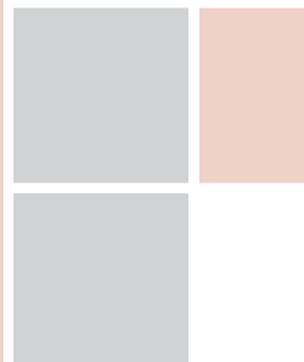
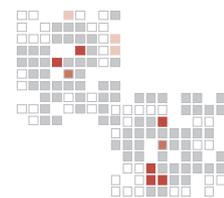
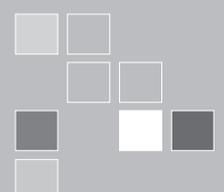
Communication and culture are intertwined in the scientific productions of the area. Starting from the complexity of this connection in the consolidation of the communication field, this article presents a historical contextualization of the development of the idea of culture, and its passage to scientific concept. It highlights the centrality that the concept occupies, in the mid-twentieth century, and its role in the area of communication, from the main theoretical currents used in the Brazilian academic-scientific environment.

**KEY WORDS:** CULTURE. COMMUNICATION. EPISTEMOLOGY. CONCEPT.

## RESUMEN

Comunicación y cultura se entrelazan en las producciones científicas del área. Partiendo de la complejidad de este entretejido en la consolidación del campo de la comunicación, este artículo presenta una contextualización histórica sobre el desarrollo de la idea de cultura, y su pasaje al concepto científico. Destaca la centralidad que el concepto viene a ocupar, a mediados del siglo XX, y su papel en el área de la comunicación a partir de las principales corrientes teóricas utilizadas en el ámbito académico-científico brasileño.

**PALABRAS CLAVE:** CULTURA. COMUNICACIÓN. EPISTEMOLOGÍA. CONCEPTO.



## Introdução

O multifacetado conceito de cultura adentra o campo científico da comunicação, forjado, sob influência de uma postura sociológica ligada aos estudos culturais. Atravessou um longo processo, por autorias e correntes teóricas menos populares, mas que representam peças essenciais para o entendimento das raízes históricas e condições de uso deste conceito, dentro do pensamento comunicacional contemporâneo.

Comunicação e cultura se entrelaçam nas produções científicas da área, percebendo essa proximidade e a complexidade desta tessitura, ao longo da formação do campo comunicacional, iniciou-se uma pesquisa que teve como objetivo principal: examinar como ocorre a construção do conceito de cultura nos artigos científicos da área de Ciências da Comunicação, publicados entre 2017 e 2021, em periódicos brasileiros. Para alcançá-lo, precisou-se, em um primeiro momento, compreender o que faz um conceito e apresentar o contexto sócio histórico, que conduziu a ideia de cultura a um conceito científico amplamente utilizado na área de comunicação, delineando a sua importância para a área da comunicação no âmbito acadêmico-científico brasileiro. Este artigo traz, então, uma síntese desse primeiro momento desta investigação.

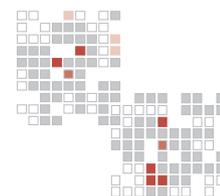
Dessa forma, esta produção foca no entendimento da rede de significados delineada a partir da cultura, que serviu de base para a análise empreendida com os artigos publicados nos periódicos e, também, partiu de uma mirada inicial neles para perfazer tal resgate teórico-histórico. Constituído-se como uma revisão bibliográfica sistemática, com base em referências clássicas amplamente empregadas, às quais foram agregadas leituras de correntes teóricas menos estabelecidas, mas que têm realizado importantes contribuições para a temática, em artigos publicados nos últimos anos.

Com isso, avalia-se que um artigo como esse se adequa a um dossiê que lança uma mirada com relação ao campo da Comunicação e institucionalização do conhecimento acumulado por ele, a partir da atuação de sua comunidade científica. Isso porque o conceito de Cultura tem se entrelaçado ao de Comunicação, nesse campo, como poderá ser vislumbrado mais à frente.

Quando se fala em campo da Comunicação, neste artigo, e no entrelaçamento destes dois conceitos supracitados, ancora-se na perspectiva de Bourdieu e Wacquant (1992, p. 73), para quem o campo exige relativa autonomia e apresenta seu próprio conjunto de regras, visto que “nas sociedades altamente diferenciadas o cosmo social é constituído pelo conjunto desses microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas...”. Entende-se, então, que para que os conceitos, aqui trabalhados, ganhassem respaldo dentro do campo acadêmico da comunicação, fatores como a legitimidade construída pelos autores, as relações dentro do campo, com instituições e centros educacionais bem posicionados, foram fundamentais. Portanto, ainda que essa discussão não seja aprofundada, neste artigo, demarca-se que estas relações de poder constituem o pano de fundo para a pesquisa bibliográfica, que se elabora acerca do conceito de cultura.

### 1. A historiografia do conceito de cultura

O que é um conceito? Para Hardy-Valée (2013, p.16): “...é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento: só pensamos e conhecemos na medida em que manipulamos conceitos”. Eles representam categorias de objetos, eventos ou situações, e podem ser expressos por uma ou mais palavras. Enquanto conceitos científicos representam “um conhecimento geral que transcende a particularidade das percepções ao mesmo tempo em que permite dar sentido



a elas” (Hardy-Valée, 2013, p. 16). Ander-Egg (1978) explica que, sem um sistema conceitual, o método científico se torna impossível.

A definição dos termos contribui para delimitar o alcance e legitimidade do campo de discussão na constituição de seu discurso próprio. Assim, o consenso e a disputa são faces que operam sob os termos definidos pela ordem científica pré-definida (Bourdieu, 1983).

O termo cultura vem acumulando significados e usos, defensores e detratores. Foi descrito como uma das duas ou três palavras mais complexas da língua inglesa, por Terry Eagleton (2003). Tal complexidade pode ser relacionada ao seu intrincado desenvolvimento histórico, como, também, à sua utilização para conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais e em sistemas de pensamento distintos e incompatíveis (Williams, 1983).

Derivada do latim, em seus usos iniciais, a cultura era associada a processos de cultivo de plantações e cuidado de animais. A partir do século XVI e de sua relação com elementos da natureza, a palavra passou a abarcar, também, o processo de desenvolvimento humano. Estes foram os significados principais, até o fim do séc. XVIII e início do XIX (Cucho, 2002).

Neste período, o uso, enquanto substantivo independente, passa a ser comum. Williams (1983) destaca que este processo apresenta duas mudanças cruciais para o termo: um certo grau de habituação à metáfora e uma ampliação de um processo particular a um mais geral, o qual a cultura poderia designar em sua abstração. Trata-se, para o autor, do início da complicada história moderna da cultura<sup>1</sup>.

As mudanças históricas vivenciadas, ao longo do séc. XX, ensejaram reformulações de questões

sociais, que encontraram na noção de cultura um importante conceito articulador. As modificações nos modelos econômicos, nas democracias e demais organizações políticas, nas classes sociais e suas relações, assim como nas artes e meios de comunicação, catalisaram a expansão das ciências humanas e sociais, o surgimento das tecnociências e a complexificação do conceito de cultura.

## 2. Os conceitos de cultura e o campo da comunicação

Bruno Ollivier (2012, p. 256) destaca o papel particular das ciências da comunicação em relação à cultura, “uma vez que a circulação, o compartilhamento e a transmissão da cultura são realizados através de processos e dispositivos de comunicação nos quais, hoje, a mídia desempenha um papel importante”. No entanto, Ferreira (2007) localiza a reflexão acerca da cultura, assim como dos meios de comunicação de massa, como originária do pensamento sociológico do séc. XIX.

Muito antes da primazia midiática, que se traduz na atual midiatização, as bases fundacionais das ciências sociais já demonstravam interesse nos aspectos simbólicos das organizações sociais. Destaca-se o estudo das formas elementares da vida religiosa, empreendido por Durkheim (1989), pois, expandindo o pensamento do teórico francês dos cultos à cultura, esta seria uma coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria.

Outro patrono da sociologia moderna foi o alemão Max Weber, cujos trabalhos variados prestaram extensa contribuição a uma abordagem sociológica da cultura, em especial, sobre a produção de sentido das ações sociais. O autor considerou o mundo como processo desprovido de significado em si e analisou a cultura como um segmento finito do mundo ao qual os seres humanos conferem significado e significância (Weber, 1949).

Os escritos, de Weber (2001) e de Durkheim

<sup>1</sup> Um capítulo significativo desta história é a relação da cultura com a ideia de civilização, descrita por Moura (2009), a partir da tradição germânica.

(1989), foram seminais para a compreensão da análise cultural atual, cujas raízes teóricas são tomadas por garantidas na reprodução, pouco crítica, dos argumentos correntes. Situados ambos em um espectro idealista, o confronto de seus trabalhos ilustra a tensão entre análises que gravitam na dicotomia sociedade/ indivíduo, pois Durkheim direciona a ênfase aos processos sociais, enquanto, para Weber, o sujeito desempenha um papel preponderante nas análises do processo de racionalização moderna.

Embora não tenha desenvolvido qualquer explicação geral sobre o funcionamento das ideias sociais, tendo dedicado sua análise à ênfase econômica e seu papel estruturante, Karl Marx reconheceu os modelos culturais como diferenciadores da ação e comportamentos humanos (Hall, 1997; 2003a). Logo, pensar uma interpretação marxista da comunicação passa por investigar, nas inúmeras correntes do séc. XX, quais elementos teóricos foram interpretados de formas diversas e, então, aplicados à comunicação (Martino, 2017).

Percebe-se que, em vários sentidos, a cultura sempre foi importante e constitutiva das ciências humanas e sociais (Cuche, 2002), embora a ideia de que as manifestações artísticas, a literatura, os sistemas de crenças morais e religiosas, as linguagens e reflexões filosóficas, representassem um conjunto diferenciado de significados, não tenha sido tão comum como se poderia supor, e a cultura tenha operado sob certa marginalidade sociológica (Inglis, 2016).

Segundo Hall (1997, p. 17), a atual centralidade epistemológica da cultura está, intrinsecamente, ligada a uma revolução empírica e material, pois, ao longo do séc. XX, ela assume “uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais”. Condição que

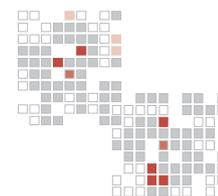
só é possível graças aos meios massivos e às novas tecnologias de comunicação.

A problematização dos mecanismos de transmissão em massa da cultura, a partir da industrialização, caracteriza as proposições da Teoria Crítica, elaborada pela escola de Frankfurt, que se opôs à racionalização instrumental, interpretada como a racionalidade da própria dominação. Pensada a partir das ciências da comunicação, a Teoria Crítica se contrapôs à *Mass Communication Research*, corrente de pesquisa desenvolvida nos Estados Unidos, que operou de maneira hegemônica na primeira metade do séc. XX. Ambas as correntes, figuram entre as mais citadas por livros de Teorias da Comunicação, no entanto, Martino (2018) aponta que a vertente norte-americana carece de articulação metodológica, nas pesquisas contemporâneas.

Preocupados com a modernidade e seus problemas sociais, os membros da escola de Frankfurt realizaram uma leitura da teoria marxista, para refletir sobre as mudanças sociais em curso, as novas dimensões que os bens culturais assumiam e sua relação com a vida cotidiana (Martino, 2017). Apesar de seus integrantes não pertencerem, de maneira autóctone, ao campo da comunicação, elaboraram uma ferramenta teórica para instrumentalizar a análise crítica dos meios de comunicação de massa, suas mensagens e efeitos, que se tornou essencial para os estudos sobre cultura e análises midiáticas: o conceito de Indústria Cultural.

Alves (2008) sublinha que a Indústria Cultural se firma por meio de um duplo registro: como instrumento teórico analítico, mas também como uma categoria nativa. Ferramenta de crítica política que afirma certa convicção ética-moral dirigida à própria modernização cultural, não apenas por acadêmicos, mas por jornalistas, artistas, críticos, ativistas e agentes públicos.

Destaca-se que o conceito, cunhado por Horkheimer e Adorno (2009), não se refere à



materialidade dos meios e processos de produção industrial dos bens culturais, mas às alterações sociais que eles promovem, ao transformarem os artefatos culturais em bens de consumo e o público em massa consumidora. Marcuse (1973, p. 31) denuncia que a racionalidade tecnológica se tornou racionalidade política, pois “o aparato produtivo e as mercadorias e serviços que ele produz ‘vendem’ ou impõem o sistema social como um todo. (...) A doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida”. Neste processo, as instâncias sociais comuns como família, escola e religião, perderam sua influência socializadora em relação às empresas de comunicação (Rudiger, 2007), problemática que se atualiza frente à dinamicidade das práticas comunicativas on-line, como a “reorientação dos usuários como produtores ativos de cultura”, imersa na lógica da plataformização (Poell; Nieborg; Dijck, 2020, p. 3).

Apesar de serem amplamente utilizadas, com o tempo, as proposições frankfurtianas passaram a ser criticadas por seu elitismo e conclusões incisivamente pessimistas. Apesar do mérito de sua análise, ao relacionar processos comunicacionais às formas históricas de vida pública, demonstrando a autonomização de um espaço estritamente social de comunicação, o próprio Habermas (1990, p. 87) admite que, se refizesse sua investigação sobre a mudança estrutural da esfera pública, é provável que tecesse uma “avaliação menos pessimista e uma perspectiva menos altiva”, do que aquela realizada no início da década de 1960.

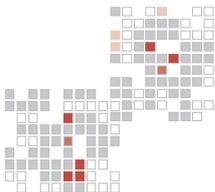
Também no escopo marxista, já na década de 1970, Raymond Williams (2011, p. 46) defende que “uma das proposições centrais do sentido da história em Marx é a de que existem contradições profundas nas relações de produção e nas consequentes relações sociais”. O autor afirma a necessidade de reavaliar o que se considera por superestrutura, na crítica cultural

marxista ortodoxa, “em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente” (Williams, 2011, p. 47).

Na segunda metade do século XX, o debate sobre cultura concentra muito do sentido de mudança vivenciado na reorganização característica do segundo pós-guerra e uma passagem a uma ‘era da cultura’ “assim denominada pelo predomínio dos meios de comunicação de massa e pelo desvio do conflito político e econômico para o cultural, marcas do tempo presente” (Cevasco, 2003, p. 11).

Este espectro, histórico e social, condensa os enfrentamentos materiais e simbólicos ao imperialismo, os desencantamentos decorrentes dos fracassos da União Soviética, as ditaduras militares na América Latina, os movimentos de libertação no continente africano, os adiamentos da esquerda quanto às pautas da diferença que emergiram de forma latente (Brah, 2006; Hall, 1997). O surgimento, na Inglaterra, não apenas de uma *New Left*, em termos políticos, mas de um ‘movimento de ideias’ (Hall, 2014), que questionou o marxismo clássico, o economicismo e o reducionismo da metáfora base-superestrutura.

Hammersley (2019) descreve o surgimento dos estudos culturais como campo que se estendeu das humanidades às Ciências Sociais, representando um desafio e um estímulo ao trabalho em disciplinas existentes. Para Cevasco (2003, p. 150), o Brasil já desenvolvia suas próprias formas de estudos culturais “bem antes da disciplina se transformar em mais uma grife acadêmica a ser exportada pelo mundo anglo-saxão”. Tal argumento é corroborado por Canclini (2006), ao afirmar que há muito se fazia estudos culturais, pois havia, na América Latina, uma percepção de que os processos de comunicação são culturais e possuem um caráter político latente, tendo em



vista seu processo de modernização singular, marcado pela pluralidade de suas desigualdades.

Em exame sobre o parentesco entre os estudos culturais latino-americanos e sua contraparte britânica, Escosteguy (2018) traça os seguintes pontos de aproximação: a vocação política da prática intelectual, interdisciplinaridade e o contextualismo, isto é, o destaque à relação entre as diversas instâncias que configuram o fenômeno investigado. A autora, também, sublinha as querelas que embasam o distanciamento: a necessidade de afirmação dos referenciais locais face o receio em aderir a rótulos estrangeiros, atrelada ao temor em importar modelos teóricos sem o cuidado de reinterpretá-los à luz do contexto local.

Já Canclini (2006, p. 12) tece crítica às primeiras décadas dos estudos culturais anglo-saxões, por sua hiper-textualização, ao construírem uma crítica humanista e atribuírem pouca ênfase à análise “dos processos socioeconômicos que assinalavam de um modo ou de outro a indústria da cultura”. Para o autor, isto teria ocorrido menos na América Latina, devido às especificidades de seus contextos políticos e sociais, fato que poderia explicar a receptividade das análises de inspiração frankfurtiana na construção do pensamento comunicacional brasileiro (Hamburger, 2002). Apesar das críticas, Canclini (2006) destaca similaridades como o interesse por investigações que conectem fenômenos culturais às estruturas de poder, pelo prisma da divisão de classes e grupos de consumo.

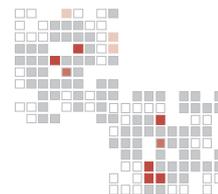
Esta intersecção exemplifica a relação dos estudos culturais com outro subcampo, a Economia Política da Comunicação. Em viés histórico, ambas as correntes teóricas possuem origem comum na crítica ao marxismo ortodoxo. Contudo, por volta das décadas de 1980 e 1990, os estudos culturais experimentaram uma expansão enquanto prática, sendo utilizado para amalgamar diversas abordagens de pesquisa a

nível internacional.

Sublinham-se as distinções em torno dos conceitos de cultura utilizados por estas correntes. Se nos estudos culturais existe uma prevalência das ideias de prática e significação, na Economia Política da Comunicação a noção de cultura está intrinsecamente ligada às ideias de mercadoria e consumo. “A conceituação de mercadoria cultural busca enxergar as relações entre o consumo e as condições capitalistas de produção e reprodução” (Stevanim, 2016, p. 182). Já o paradigma dominante nas primeiras décadas dos estudos culturais britânicos definia a cultura como os sentidos e valores que surgem em dada classe ou grupo social, bem como as tradições e práticas vividas (Hall, 2003b).

Ambos os campos possuem agenda comum, com relação à centralidade da cultura e da comunicação na contemporaneidade. Contudo, seu antagonismo ilustra a dificuldade das ciências sociais em articular as instâncias micro e macrosociais e o papel do sujeito, entre agência e estrutura. E, mais especificamente, o impasse nas ciências da comunicação gerado na “contraposição entre os processos de produção e reprodução cultural, de um lado, e consumo dos conteúdos, de outro” (Stevanim, 2016, p. 183).

Hall (2003a, p. 131) assevera que, mais do que narrar os mitos fundadores das disciplinas, é necessário se atentar às rupturas significativas nas quais “elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”. Assim, o debate mundial sobre cultura corporifica uma revolução epistemológica, que vai além de reconhecer a importância da cultura junto a demais aspectos da realidade social. A cultura deixa de ser tratada como uma variável dependente, à medida que se reconhece a relevância e necessidade de significado para a constituição de todas as práticas sociais, atribuindo a elas uma dimensão cultural (Hall, 1997).



Por outro prisma, Barbero defende a necessidade de uma redefinição do conceito de cultura, frente à heterogeneidade cultural na América Latina, que se distancie de um sentido de hierarquização etnocêntrica, na árdua tarefa de reconhecer que existem não apenas grupos, mas, pessoas com percepções diferentes das nossas, considerando todos os aspectos da vida social, como classe, raça, gênero, geração, orientação sexual e religiosa (Barbero, 2012). Os modos por meio dos quais as pessoas criam e experienciam suas realidades, em contextos específicos. É uma conceitualização similar a de sistemas simbólicos, que tem origem na tradição neokantiana, estabelece-se nas categorias de ação social de Durkheim e se prolonga na antropologia culturalista americana de Geertz (2008) e, nas décadas subsequentes, é amplamente adotada pela tradição francesa e pelos estudos culturais (Bourdieu; 2004; Hall, 2007).

Estas vertentes foram, posteriormente, atravessadas pelo estruturalismo marxista de Althusser (1999, p. 203), cujas intervenções foram, majoritariamente, articuladas em torno do conceito de ideologia, concebido como “uma ‘representação’ imaginária da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”, que possui, no entanto, uma existência material. Ele foi apontado por Martino (2017) como uma importante chave teórica para analisar a percepção da realidade, a partir da origem social das ideias no âmbito da comunicação. Já Hall (2003b), atribui a visibilidade do conceito ao desenvolvimento das indústrias culturais, os meios pelos quais os referenciais mentais, empregados para dar sentido à forma como a sociedade funciona, são moldados e transformados enquanto consciência coletiva.

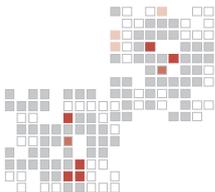
Ao afirmar que a sociedade se produz através da ideologia e atribuir a ela uma existência material, Althusser (1999) afirma a cultura como instância

simbólica de produção e reprodução social, aspecto abordado por investigações de Bourdieu (2004). Contudo, é necessário sublinhar que os aspectos dissonantes entre os trabalhos de ambos são sintomáticos de uma diferenciação mais ampla nas renovações interpretativas marxistas na França, neste período, pois, Althusser promove uma reinterpretação textual da teoria, enquanto, Bourdieu se vale da empiria para elaborar sua própria interpretação teórica. É, neste sentido, que o trabalho do sociólogo se torna tão profícuo para a comunicação, ao coadunar a vocação empírica, que se utiliza de uma ampla gama de ferramentas analíticas, com o rigor metodológico que os campos emergentes tanto necessitam.

### 3. A disciplinarização da cultura no campo da comunicação

Ao longo do séc. XX, a cultura se enraizou em diversas disciplinas intelectuais, assumindo usos e conotações distantes, por vezes incompatíveis. Muitas iniciativas de descrição e análise sobre os diferentes usos históricos e contemporâneos do conceito foram empreendidas. Por uma ótica Latino-Americana, Canclini (2004) coaduna as perspectivas antropológica, sociológica e comunicacional, elencando quatro vertentes, que consideram tanto o aspecto sócio-material quanto o caráter significativo do conceito de cultura como instância: (1) em que cada grupo organiza sua identidade, (2) simbólica da produção e reprodução da sociedade, (3) de formação de consenso e hegemonia e (4) como uma eufemística dramatização dos conflitos sociais.

Considerada por Melo (2003, p. 330) como a contribuição brasileira às Teorias da Comunicação, a folkcomunicação tem como objeto o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos ou rurais, através dos agentes e dos meios direta ou indiretamente ligada ao folclore”.



Benjamin (2011) aponta que, para acompanhar as mudanças culturais em curso, os conceitos iniciais propostos por Beltrão, ainda na década de 1960, passam por um processo de expansão ao longo da consolidação da folk como área de pesquisa nas universidades brasileiras. Seus desenvolvimentos atuais têm se dedicado à investigação da relação entre as manifestações da cultura popular e as atualizações dos mecanismos da comunicação de massa; as mediações operadas pelas manifestações populares na recepção de conteúdo midiático; bem como os fluxos de apropriação e mútua influência entre expressões da cultura popular, de massa e erudita.

No Brasil, o debate em torno da cultura de massa, produzida pelas indústrias culturais, as alterações sociais que ela promove e suas especificidades, produtivas e em termos de linguagem, em relação à cultura de elite e cultura popular, representa um importante capítulo na consolidação da comunicação enquanto formação superior e área de conhecimento (Lima, 2000). No entanto, estes limites não são estanques e Lopes (2018) assevera que parte dos deslocamentos teóricos introduzidos pela teoria barberiana de comunicação está em analisar o massivo desse outro lugar que é o popular, das resistências e apropriações, por meio das mediações.

Fundada na década de 1960, mas em uma realidade bem diferente, a escola de Tártu-Moscou partiu da tradição teórica russa do início do século XX, para a elaboração da Semiótica da Cultura, que constitui uma rede de referenciais teóricos e metodológicos, com destaque para as contribuições da semiótica lotmaniana e teoria bakhtiniana (Torop, 2019).

Apesar da barreira linguística, a corrente eslava tem sido apreendida pelo campo da comunicação no Brasil, a partir dos trabalhos de Iuri Lotman, que entende a cultura como o espaço de textos comuns que se preservam e atualizam. O autor considera o espaço semiótico como um

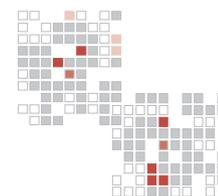
mecanismo unificado, uma semiosfera: espaço fora do qual a produção e interpretação dos signos (semiose) não pode existir. (LOTMAN, 2005). Hartley (2008) transpôs o conceito de semiosfera à mídiasfera (*mediasphere*), para expressar as condições estruturais de existência e funcionamento de um sistema global interativo, multiplataforma.

Destaca-se que a ideia de interconectividade mediada já estava presente na Aldeia Global, de McLuhan. O pensamento do autor, especialmente em relação aos entendimentos dos meios de comunicação como extensões do ser humano, é um prelúdio, de uma tendência que viria a tomar força nas últimas décadas. O neo materialismo (*new materialism*), ou virada não humana (*nohuman turn*), agrupa abordagens operadas nas humanidades e ciências sociais em favor da descentralização do humano face ao reconhecimento das agências não humanas (Coole; Frost, 2010).

Para Lemos (2020), no contexto brasileiro, a maioria dos estudos no campo da comunicação valoriza relações intersubjetivas, contextuais e transcendentais com foco na agência dos sujeitos. O autor defende que essa postura não é capaz de abarcar toda a complexidade dos fenômenos comunicacionais, em geral, e os da cultura digital, em particular. Em um contexto em que a produção de sentido é cada vez mais mediada por redes sociotécnicas, essa proposta pode ser especialmente interessante para as análises materialistas da cultura, que há muito têm sido atravessadas pela subjetividade pós-modernista.

### Considerações finais

O olhar histórico é essencial para apresentar as diversas concepções de um conceito tão fértil quanto o de cultura, que, no entanto, não se disfarça de impulso meramente descritivo, nem tem a pretensão de se constituir como uma representação de sucessivos avanços



lineares, que desembocam em uma teoria final superior. Afinal, “O fenômeno da comunicação é complexo demais para que se possa organizar seu conhecimento com base em uma única linha de abordagem” (Braga, 2020, p. 31).

Apesar das dinâmicas complexas em que são efetuadas, escolhas teóricas representam tomadas de posição, que, por vezes, realizam-se de maneira pouco consciente em relação às amplas redes de significação, que regem as correntes teóricas em seus contextos históricos e sociais, e as maneiras singulares com que elas foram e são apreendidas pelo pensamento comunicacional brasileiro, que necessita avançar em uma formação epistemológica mais sólida (Lopes, 2010), bem como na planificação e descrição dos métodos e técnicas de suas análises (Peruzzo, 2018), estando esta situação relacionada a uma marcante herança de instrumentalização.

Logo, mais do que buscar definir um conceito de cultura próprio à comunicação, objetivou-se apontar as especificidades que se delineiam na apropriação que o campo comunicacional realiza a este conceito tão diverso em suas origens acadêmicas. A relação entre as perspectivas sociológica e comunicacional se evidencia, como esperado, dado o entrelaçamento histórico entre as duas áreas, não apenas em termos teóricos, mas, sobretudo, em dimensões metodológicas. Dito isto, destaca-se a ampla referência realizada às

vertentes britânica e latino americana dos Estudos Culturais, nesta reconstrução bibliográfica e na pesquisa mais ampla a qual faz parte.

Ressalta-se, ainda, que os objetos e problemáticas, características à comunicação, abrem possibilidades analíticas próprias ao conceito de cultura, seja como modo de vida integral, memória coletiva, mapas conceituais compartilhados socialmente, sistemas simbólicos/de signos ou, ainda, como um prefixo para a composição de conceitos derivados, designando certo tipo de prática ou contexto sócio-histórico específico.

A necessidade progressiva de conceitos complexos é indicativa de um mundo múltiplo, permeado por novas maneiras de pensar, sentir, ver, maneiras de compreender o outrora inominável. Por isso, um conceito não pode ser visto como conclusão, mas é, *a priori*, introdução.

Tendo isto em mente, buscou-se, ao máximo, explicitar um horizonte de referência, ciente de sua arbitrariedade e limitações, atentando-se, também, para os riscos de separar as ideias dos sistemas de referência, que atribuem sentido a elas. Assim, esta narrativa foi tecida como um exercício crítico, criativo e investigativo, que enseja a compreensão contextual da construção teórica e filosófica do conceito de cultura, em relação ao campo da comunicação, na contemporaneidade.

180

## Referências

- ALTHUSSER, L. Sobre a Reprodução. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.
- ALVES, E.M. Crítica e resignação. O trânsito constante entre categorias nativas e categorias analíticas: a força política e estética da categoria indústria cultural. *Latitude*, v. 2, n.1, p.82-105, 2008.
- ANDER-EGG, E. Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales. 7. Ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.
- BARBERO, J.M. De La Comunicación a la Cultura: perder el “objeto” para ganar el proceso. *Signo y Pensamiento*, v. XXX, n. 60, p. 76-84, 2012.
- BENJAMIN, R. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias da Comunicação ALAIC*, n. 8-9, p. 2011.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. Réponses: pour un eanthropologie reflexive. Paris: Seuil, 1992.
- BRAGA, J.L. Neomaterialismo e antropológicas. *Galáxia*, n. 45, p. 20-33, 2020.
- BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*. n. 26, p. 329-376, 2006.

- CANCLINI, N.G. Estudos sobre cultura: uma alternativa latinoamericana aos cultural studies. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 30, p. 7-15, 2006.
- CANCLINI, N.G. La cultura extraviada em sus definiciones. In: \_\_\_\_\_. Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad. Barcelona: Gedisa editora, 2004.
- CEVASCO, M.E. Dez lições sobre os estudos culturais. São Paulo: Boitempo, 2003.
- COOLE, D.; FROST, S. Introducing the new materialism. In: \_\_\_\_\_. (orgs.). New Materialism: Ontology, Agency, and Politics. Durham: Duke University Press, 2010.
- CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. Viviane Ribeiro. 2. Ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DURKHEIM, E. Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- EAGLETON, T. A ideia de cultura. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates, 2003.
- ESCOSTEGUY, A.C.D. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: mais afinidades do que disputas. Matrizes, 12, p. 99-113, 2018.
- FERREIRA, G.M. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. (orgs.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. 7. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.
- GEERTZ, Cl. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LCT, 2008.
- HABERMAS, J. Prefácio a edição de 1990. In: \_\_\_\_\_. Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. Trad. Denilson Luís Werle. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- HALL, S. Estudos Culturais: dois paradigmas. In: SOVIK, Liv (org.). Da Diáspora. Editora UFMG, 2003a.
- HALL, S. O problema da Ideologia: Marxismo sem garantias. In: SOVIK, Liv (org.). Da Diáspora. Editora UFMG, 2003b.
- HALL, S. Richard Hoggart: The Uses of Literacy and the cultural turn. International Journal of Cultural Studies. 10 (1), p. 39-49, 2007.
- HALL, S. Vida e época da primeira *New Left*. PLURAL:Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.21, p.214-234, 2014.
- HAMBURGER, E. Indústria cultural brasileira: vista aqui e de fora. São Paulo: ANPOCS, 2002.
- HAMMERSLEY, M. The Concept of Culture: a history and reappraisal. London, UK: Palgrave MacMillan, 2019.
- HARDY-VALLÉE, B. Que é um conceito? Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2013.
- HARTLEY, J. Television Truths. USA: Blackwell Publishing, 2008.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. O Iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, T. Indústria Cultural e Sociedade. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- INGLIS, D. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (org.). Sage Handbook of culture sociology. London: Sage Publications, 2016.
- KUNSCH, W.L. Uma contribuição para os estudos de folkcomunicação. Comunicação e Sociedade, 34, p. 112-127, 2000.
- LEMOES, A. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. Galáxia, São Paulo, n.43, p. 54-66, 2020.
- LIMA, Luis Costa (org.). Teoria da cultura de massa. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LOPES, M. I. V. Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em comunicação. In: Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Paulus/Compós, 2010.
- LOPES, M. I. V. A teoria barberiana da comunicação. Matrizes, v. 12, n. 1, 2018.
- LOTMAN, I. On the semiosphere. Trans. Wilma Clark. Sign Systems Studies, 31, p. 205-229, 2005.
- MARCUSE, H. A ideologia da sociedade industrial. Trad. Giasone Rebuá. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARTINO, L.M.S. Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2017.
- MARTINO, L.M.S. Uma genealogia dos conceitos na teoria da comunicação: esboço de um panorama. Revista Latinoamericana de Ciências da Comunicação ALAIC, v. 28, n. 4, p. 24-35, 2018.
- MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MELO, José Marques de. História do Pensamento Comunicacional: cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.
- MOURA, C. O advento dos conceitos de cultura e civilização: sua importância para a consolidação da autoimagem do sujeito moderno. FilosofiaUnisinos, 10(2), p.157-173, 2009.
- OLLIVIER, B. As ciências da comunicação: teorias e aquisições. Trad. Gian Bruno Grosso. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2012.
- PERUZZO, C.M.K. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. Comunicação e Sociedade, v. 33, p. 25-40, 2018. DOI: 10.17231/comsoc.33(2018).2905
- POELL, T.; NIEBOG, D.; DIJCK, J. V. Plataformização. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, v. 20, n. 1, p. 2-10, 2020. DOI: 10.4013/fem.2020.221.01
- RUDIGER, F. A escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.C.; FRANÇA, V.V. (orgs.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. 7. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.
- STEVANIM, L.F.P. Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall. Matrizes, v. 10, n. 3, p. 173-186, 2016.
- TOROP, P. Teoria russa e semiótica da cultura: história e perspectivas. Bakhtiniana, São Paulo, 14, p. 18-41, 2019.
- WEBER, M. Objectivity in Social Science and Social Policy. In: \_\_\_\_\_. On the Methodology of the Social Sciences. Glencoe: Free Press, p. 50-112, 1949.
- WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: WILLIAMS, R. Cultura e Materialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, R. Keywords: a vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 1983.

